



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 15/04/2016 a 21/04/2016

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ e Tecnóloga em Processos Gerenciais - UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
15/04/2016	9,56	295,90	33,38	4,59	3,78
18/04/2016	9,64	293,00	33,95	4,72	3,81
19/04/2016	9,85	305,10	34,78	4,86	3,84
20/04/2016	10,09	318,90	34,64	5,04	3,94
21/04/2016	10,18	325,20	34,21	4,95	3,84
Média	9,86	307,62	34,19	4,83	3,84

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	73,25	1,81
RS - Santa Rosa	72,00	1,34
RS - Ijuí	72,00	1,34
PR - Cascavel	73,25	2,88
MT - Rondonópolis	67,38	2,21
MS - Ponta Porá	64,50	2,54
GO - Rio Verde (CIF)	69,00	4,07
BA - Barreiras (CIF)	68,50	1,03
MILHO		
Argentina (FOB)**	186,25	3,47
Paraguai (FOB)**	145,01	-3,33
Paraguai (CIF)**	170,50	0,12
RS - Erechim	81,81	1,36
SC - Chapecó	51,88	1,32
PR - Cascavel	49,75	3,22
PR - Maringá	50,63	3,74
MT - Rondonópolis	43,75	8,43
MS - Dourados	45,06	2,07
SP - Mogiana	47,50	-2,46
SP - Campinas (CIF)	50,38	-1,80
GO - Goiânia	48,50	0,00
MG - Uberlândia	44,50	-1,77
TRIGO		
RS - Carazinho	690,00	0,00
RS - Santa Rosa	690,00	0,00
PR - Maringá	790,00	0,00
PR - Cascavel	790,00	0,00

*Período entre 09/04/2016 a 21/04/2016

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 21/04/2016

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	41,87	67,75	33,93

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/04/2016

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	40,39
Feijão (saco 60 Kg)	151,71
Sorgo (saco 60 Kg)	33,21
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,12
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,97
Boi gordo (Kg vivo)*	5,32

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja dispararam nesta semana, ultrapassando facilmente o ponto de resistência dos US\$ 10,00/bushel e fechando a quinta-feira (21) em US\$ 10,18. Esse surpreendente movimento se deveu a dois fatores, um deles já alertado por nós na semana anterior: a) a tentativa de reverter a posição dos produtores estadunidenses de forma que os mesmos aumentem (e não diminuam) a área a ser semeada com soja nos EUA; b) fortes e constantes chuvas na Argentina, com perdas importantes já contabilizadas em pleno momento da colheita da soja. Os atuais preços do bushel de soja não eram vistos desde o início de agosto passado.

Quanto ao primeiro motivo, a maioria dos analistas já considera que os produtores de soja nos EUA irão, efetivamente, aumentar a área semeada com a oleaginosa, invertendo o quadro de redução indicado em 31/03. Lembramos que o número definitivo de plantio somente se dará no 30 de junho. Esse raciocínio se deve ao fato de que as cotações do milho, embora também tenham subido em Chicago, o fizeram de forma muito tímida durante esta semana.

Já o excesso de chuvas na Argentina é preocupante, havendo um forte atraso na colheita do vizinho país. Até meados desta terceira semana de abril a mesma chegava a 20% quando o normal é 40% nesta época do ano. O ritmo da colheita é o menor dos últimos 13 anos. O cálculo provisório até agora realizado dá conta de perdas entre 3 a 5 milhões de toneladas na Argentina. Com isso, a safra, que estava projetada em 60 milhões de toneladas, poderá cair para 55 a 57 milhões de toneladas no seu final.

Ajudou a sustentar a alta da soja o fato, igualmente, de que o esmagamento da oleaginosa em março, nos EUA, ter atingido a 4,26 milhões de toneladas, contra uma expectativa do mercado em torno de 4,25 milhões.

Nesse contexto altista, nem mesmo o recuo nos preços do petróleo no mercado mundial reverteu o quadro.

Todavia, é bom alertar que tal movimento altista pode não durar, havendo um quadro claro de ajuste técnico a ser realizado, com vendas importantes por parte dos operadores visando a tomada de lucros. Ao mesmo tempo, em se confirmando o aumento na área semeada com soja nos EUA, tudo dependerá do clima neste país para que as cotações de soja se sustentem acima de US\$ 10,00/bushel. Nesse sentido, existem preocupações quanto a retorno do fenômeno La Niña (clima mais seco) sobre as lavouras estadunidenses neste ano.

Dito isso, para o produtor brasileiro o movimento de Chicago foi positivo, pois finalmente compensou o câmbio, que se manteve ao redor de R\$ 3,55 nesta semana, já assimilando o impedimento quase irreversível da presidente Dilma.

Tanto é verdade que os preços médios da soja no Brasil melhoraram, com o balcão gaúcho fechando a semana mais curta (feriado de Tiradentes) em R\$ 67,75/saco. Mas é no valor dos lotes que o impacto positivo foi mais agudo. No mercado gaúcho os mesmos fecharam entre R\$ 74,00 e R\$ 75,00/saco, com ganhos ao redor de quatro

reais por saco em relação às semanas anteriores. No restante do país, os lotes ficaram entre R\$ 62,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 76,00/saco no norte e centro do Paraná. Os produtores, que praticamente já encerraram a colheita da soja no Brasil, devem aproveitar esse novo momento de alta da oleaginosa, pois o mesmo pode não durar muito, já que os fatores estruturais ligados a oferta e demanda, excetuando o caso argentino, se mantêm baixistas. Especialmente se houver aumento na semeadura de soja nos EUA. Na prática, nas próximas semanas as oscilações serão grandes em Chicago, e o clima estadunidense será um elemento central no comportamento dos preços, assim como a definição da real perda de safra na Argentina.

Pelo lado do câmbio no Brasil, as ações do Banco Central mostram claramente que o governo tenta impedir que o Real se valorize abaixo de R\$ 3,50. Por enquanto, as mesmas conseguiram impedir essa realidade, após a confirmação da primeira etapa do impedimento da presidente Dilma, com a votação na Câmara dos Deputados. A questão agora é esperar, provavelmente em torno de mais 45 dias para se ter um encaminhamento concreto deste imbróglia político nacional que vem auxiliando no desgaste da economia.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 31/03/2016 a 21/04/2016.

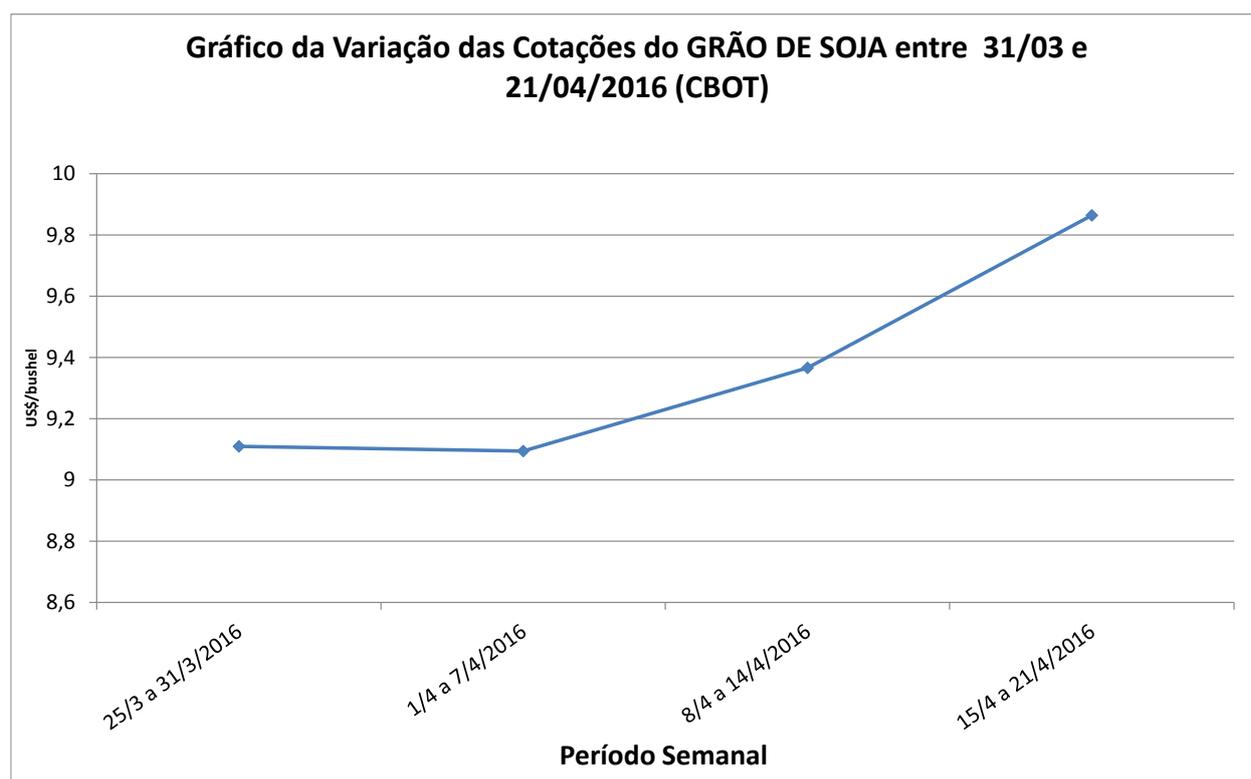


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 31/03 e 21/04/2016 (CBOT)

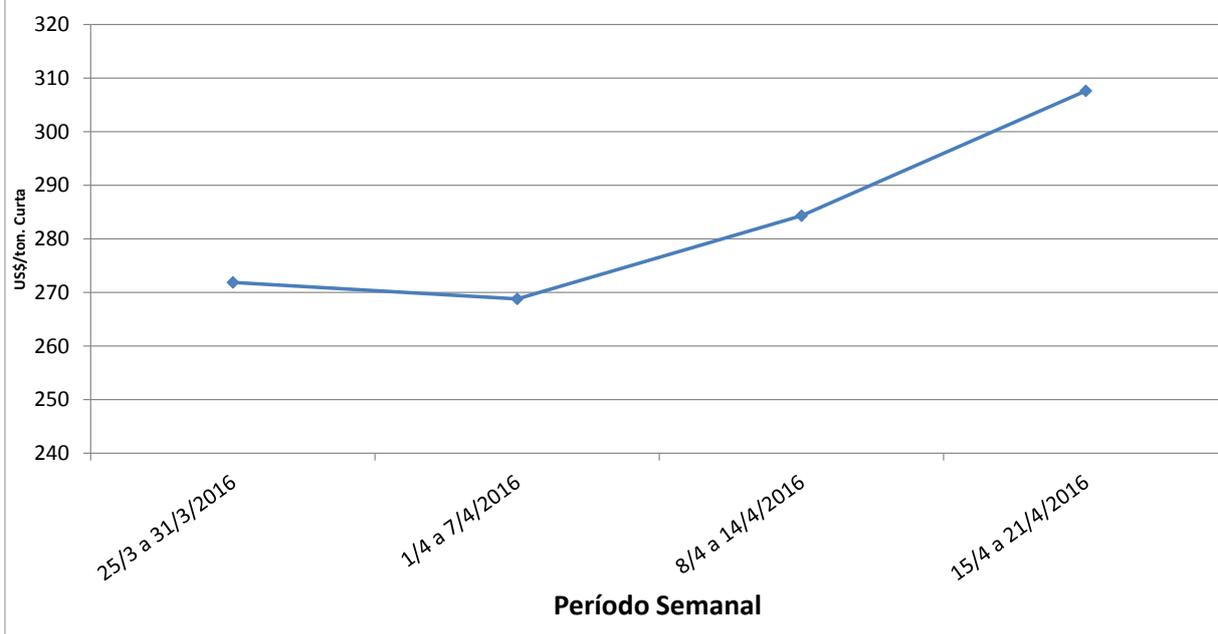
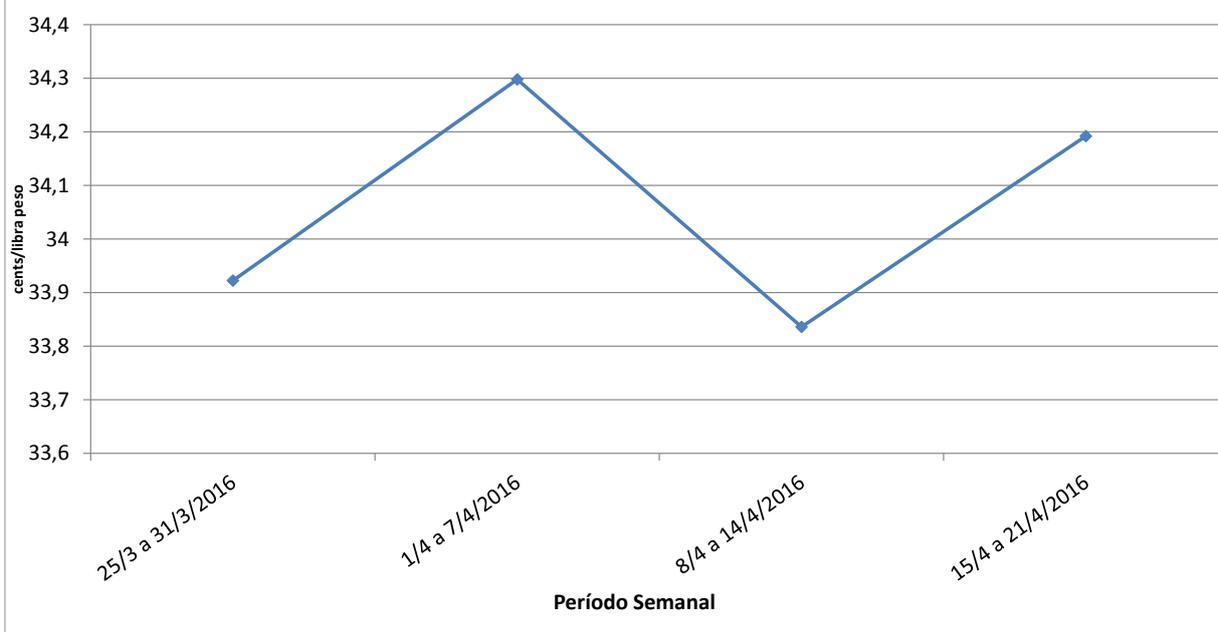


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 31/03 e 21/04/2016 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram um pouco durante a semana, fechando o dia 21/04 em US\$ 3,84/bushel, após US\$ 3,74 uma semana antes. Nota-se que tal aumento foi bem menos intenso do que o ocorrido na soja e mesmo no trigo. Isso significa que há possibilidade de uma reversão na intenção de plantio dos produtores dos EUA, com um aumento na área de soja em detrimento do milho. A questão agora é esperar os reais efeitos deste jogo especulativo dos preços nas próximas semanas, assim como o comportamento do clima naquele país, já que o milho vem sendo semeado.

O clima no Brasil (seca) sobre a safrinha, com perdas irreversíveis, e o excesso de chuva na Argentina, com perdas na qualidade do produto de verão e até mesmo na quantidade, favorecem a exportação do produto dos EUA, fato que ajudou a elevar a cotação em Chicago. Assim, as vendas líquidas de milho, no ano comercial 2015/16, na semana encerrada em 07/04, atingiram a 1,14 milhão de toneladas, sendo 21% superiores à média das quatro semanas anteriores.

Estamos em pleno “mercado do clima” nos EUA, o qual se estende agora para a América do Sul, tornando muito importante todo e qualquer acontecimento nesta área.

As notícias de perdas no Brasil e na Argentina aumentam a cada dia que passa, somente faltando calcular o tamanho das mesmas.

Entretanto, contrabalançando esse movimento altista tem-se que o plantio da safra de milho nos EUA, contrariamente ao que se especulava nas duas semanas anteriores, avança bem. O mesmo chegava a 13% da área esperada, contra 8% na média histórica até o dia 17/04 (cf. Safras & Mercado).

Por sua vez, a frustração nas safras de verão da Argentina, a partir das fortes e constantes chuvas destas últimas semanas naquele país, fizeram o preço do milho igualmente subir. A tonelada para exportação, preço FOB, bateu em US\$ 183,00 nesta semana, enquanto no Paraguai a mesma alcançou a US\$ 150,00.

Já no mercado brasileiro, os preços continuam firmes, especialmente agora em que se confirma quebra na futura colheita da safrinha. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 41,87/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 51,50 e R\$ 52,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes giraram entre R\$ 36,00/saco em Sapezal e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 52,00/saco em Videira e Concórdia (SC).

No geral, os consumidores brasileiros de milho encontram sérios problemas para se abastecerem do cereal, absorvendo o que surge no mercado. Além disso, a estiagem que se abate em parte do Sudeste e Centro-Oeste diminui a safrinha, causando ainda mais pressão sobre os preços. Dependendo do tamanho da quebra, os preços poderão não mais recuar dos atuais níveis (ou recuar bem menos do que o esperado) até o final

do ano. Para isso, muita coisa estará igualmente dependente do volume que alcançarão as exportações brasileiras do cereal a partir do segundo semestre.

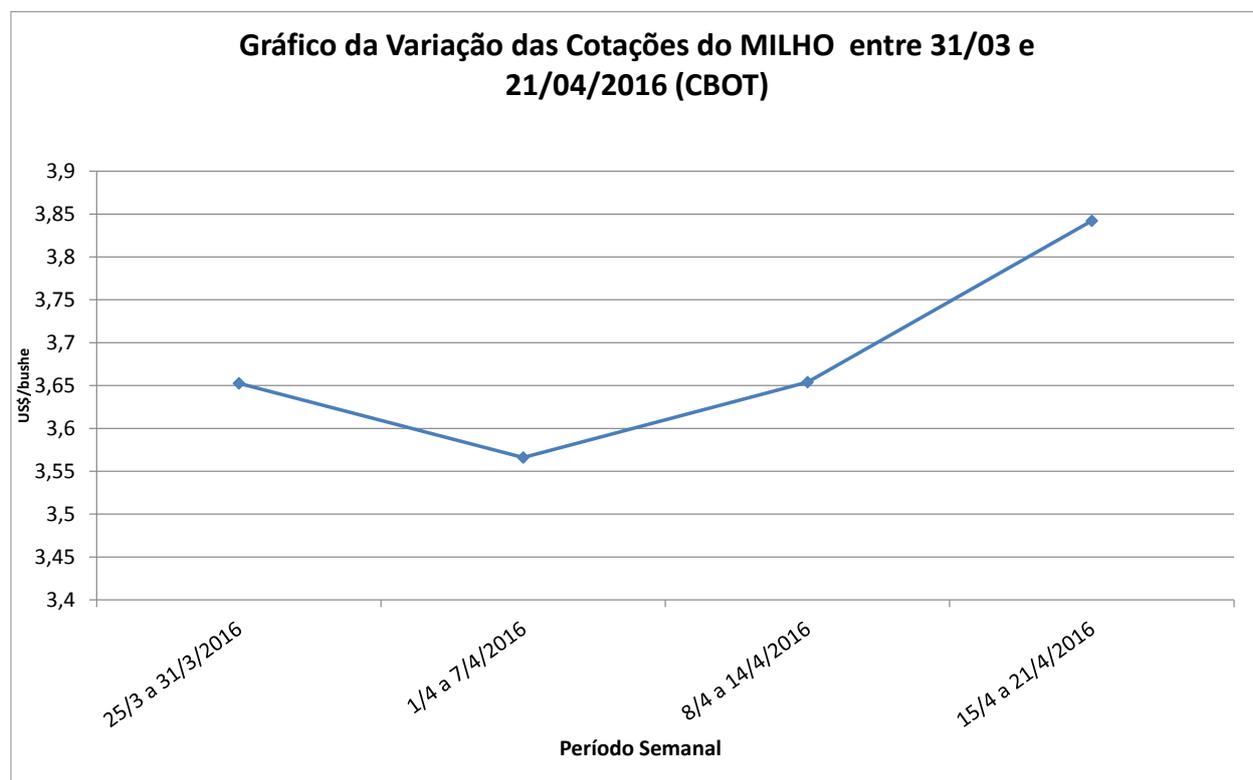
Por enquanto, os embarques estão fracos, somando 209.600 toneladas no mês de abril, enquanto o movimento de importação continua junto aos consumidores do sul do país.

Na prática, o mercado ainda não precificou a quebra da safrinha. Tanto é verdade que o mercado continua trabalhando com R\$ 38,00/saco para setembro na BM&F paulista.

Por outro lado, os produtores, cientes de que a safrinha enfrenta problemas, estão vendendo menos a espera de preços ainda mais altos futuramente.

Enfim, a semana terminou com a importação, no CIF indústrias brasileiras, valendo R\$ 49,31/saco para o produto dos EUA e R\$ 48,72 para o produto da Argentina, ambos para abril. Já para maio, o produto argentino ficou em R\$ 50,85. Na exportação, o transferido via Paranaguá somou R\$ 38,45/saco para abril; R\$ 36,26 para maio; R\$ 35,26 para junho; R\$ 34,71 para julho; R\$ 34,53 para agosto; R\$ 34,37 para setembro; R\$ 34,95 para outubro; e R\$ 35,21/saco para novembro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 31/03/2016 a 21/04/2016.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo subiram fortemente nesta semana, acompanhando o movimento da soja. O bushel chegou a bater em US\$ 5,04 no fechamento do dia 20/04, se constituindo este valor no mais alto desde o início de novembro passado. Posteriormente, a tomada de lucros e a realidade de uma oferta importante reduziram as cotações, com o fechamento desta quinta-feira (21) ficando em US\$ 4,95. Mesmo assim, bem acima do fechamento da semana anterior, que foi de US\$ 4,59.

Houve boa demanda pelo produto dos EUA, com as inspeções de exportação, na semana encerrada em 14/04, ficando em 456.924 toneladas. Com isso, o acumulado do ano comercial 2015/16, que se encerra em 31/05 próximo, chega a 20,2 milhões de toneladas, contra 19,6 milhões em igual momento do ano anterior. Já as vendas líquidas, para o mesmo ano comercial, atingiram a 124.700 toneladas na semana encerrada em 07/04. As mesmas ficaram 41% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para o ano comercial 2016/17 o volume vendido foi de 211.500 toneladas.

Ao mesmo tempo, o USDA divulgou as condições das lavouras estadunidenses, sendo que até o dia 17/04 cerca de 54% estavam entre boas a excelentes, 34% regulares e 9% entre ruins a muito ruins.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação registrou valores entre US\$ 170,00 e US\$ 200,00, sem modificações em relação a média das últimas semanas.

Aqui no Brasil, os preços continuam estabilizados. A média no balcão gaúcho fechou a terceira semana de abril em R\$ 33,93/saco, enquanto os lotes permaneceram em R\$ 680,00/tonelada (R\$ 40,80/saco). No Paraná os lotes se mantiveram entre R\$ 780,00 e R\$ 800,00/tonelada, ou seja, entre R\$ 46,80 e R\$ 48,00/saco.

Continua uma reduzida liquidez interna, fato que leva o mercado a não reagir nem mesmo diante de preços de importação mais baratos e um dólar ao redor de R\$ 3,55. Os moinhos continuam estocados, com grande dificuldade para escoar a farinha diante da crise econômica profunda que vive o Brasil. Desta maneira, uma possível recuperação de preços, agora prevista para maio, pode não acontecer como o esperado, devendo demorar mais tempo.

No final da semana o trigo argentino estava 0,6% mais caro do que o referencial interno, enquanto o produto do Uruguai e do Paraguai estava 1,4% e 4,3% respectivamente mais atrativo (cf. Safras & Mercado).

O mercado interno espera com ansiedade o momento em que os moinhos deverão recompor estoques e, com isso, buscar com mais intensidade o produto nacional de qualidade superior, hoje muito escasso no Brasil.

Dito isso, em o Real se mantendo valorizado nos atuais níveis, as importações deverão aumentar, prejudicando a melhoria do preço nacional. Mesmo assim, no médio prazo a

tendência é de os preços brasileiros do trigo aumentarem. Isso se deve, além da escassez de produto de qualidade, devido a frustração da última safra, ao fato de que haverá forte redução na área semeada na atual safra de inverno. No Rio Grande do Sul, por exemplo, as últimas estimativas dão conta de que a redução na área semeada com trigo possa chegar a 30%.

Enfim, o governo, com o novo preço mínimo anunciado, procura estimular o trigo de alta qualidade, já que não valorizou os demais trigos. Isso nos parece insuficiente para reverter a tendência de plantio diante dos altos custos de produção atuais e das constantes intempéries que se abatem anualmente sobre a cultura. Além disso, mesmo que se espere preços melhores em função deste quadro interno, não se pode esquecer que a Argentina deverá ser muito mais agressiva nas suas exportações, neste ano, graças a retirada do imposto de exportação sobre o trigo no final do ano passado.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 31/03/2016 a 21/04/2016.

